



CAMINHOS METODOLÓGICOS DA TEIA DA DIVERSIDADE: A PESQUISA-AÇÃO PELO OLHAR DO PENSAR COMPLEXO E TRANSDISCIPLINAR

Maria Dolores Fortes Alves¹ - UFAL
Marly do Socorro Peixoto Vidinha² - SEMED/SEDUC

Eixo Temático: Ensino Superior.

Resumo

Como fazer pesquisa-ação quando se é pesquisador e sujeito da pesquisa? Quando essa pesquisa implica em cenários subjetivos, intersubjetivos? Esse foi o grande desafio de Alves (2013) em sua tese de doutorado em que a pesquisadora (sujeito com deficiência física) se põe a discutir estratégias de aprendizagem integradoras e inclusivas. Assim, à descoberta do caminho metodológico coube um novo olhar que abraça todas as dimensões da subjetividade humana: a razão, a emoção, a pulsão; incluindo o lúdico, o irracional e a poesia, enquanto expressões das emoções, sentimentos e intuições humanas. Portanto, esse artigo é uma reflexão teórica sobre a construção metodológica pautada na complexidade e transdisciplinaridade. Ao final, percebeu-se que o percurso traçado foi luz, farol que, de fato, cumpriu o seu papel e iluminou o caminhar da pesquisa em multidimensões da objetividade, da subjetividade e da intersubjetividade humana.

Palavras-chave: Metodologia transdisciplinar. Complexidade. Diversidade.

Introdução

¹Professora da Universidade Federal de Alagoas-UFAL-NDI; Doutora e Mestre em Educação – PUC/SP-CNPq e UB (Barcelona); Mestre em Psicopedagogia e Pedagoga - UNISA; Pós-Graduada em Distúrbios da Aprendizagem pela UBA (Buenos Aires); Especialista em Educação em Valores Humanos; líder do Grupo de Pesquisa PAII (Práticas e Aprendizagens Integradoras e Inovadoras), Pesquisadora RIES (Rede Internacional Ecologia dos Saberes), ECOTRANS (Ecologia dos Saberes e Transdisciplinaridade - CNPq), RIEC (Rede Internacional de Escolas Criativas), GIAD (Grupo de Investigação e Assessoramento Didático. UB) e ADESTE (A Adversidade Esconde um Tesouro - Universidade de Barcelona); autora de diversos artigos e livros. E-mail: mdfortes@gmail.com.

²Professora graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas. Especialista em Inspeção Educacional pela Universidade Federal de Alagoas; Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Nacional CUYO - Mendoza - Argentina. Membro da Diretoria da UNCME / Coordenadora em Alagoas; Membro do Conselho Estadual de Educação de Alagoas/Conselheira Presidente da Câmara de Educação Profissional; Conselheira Presidente do Conselho Municipal de Messias/Al. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Políticas e Legislação Educacional; membro do Grupo de Pesquisa PAII (Práticas e Aprendizagens Integradoras e Inovadoras). E-mail: marlyvidinha@hotmail.com

Como fazer pesquisa-ação quando se é pesquisador e sujeito da pesquisa? Quando essa pesquisa-ação implica em cenários subjetivos, intersubjetivos? Esse foi o grande desafio de Alves (2013) em sua tese de doutorado em que a pesquisadora (sujeito com deficiência física) se põe a discutir estratégias de aprendizagem integradoras e inclusivas. Assim, à descoberta do caminho metodológico coube um novo olhar que abraça todas as dimensões da subjetividade humana: a razão, a emoção, a pulsão; incluindo o lúdico, o irracional e a poesia, enquanto expressões das emoções, sentimentos e intuições humanas. Portanto, esse artigo é uma reflexão teórica sobre a construção metodológica pautada na complexidade³ e transdisciplinaridade⁴.

Cabe esclarecer que Estratégias de Aprendizagem Integradoras são ações que englobem a razão, a imaginação, a intuição, a colaboração e o impacto emocional vivenciado pelos sujeitos de maneira multidimensional produzindo assim, a integração do indivíduo consigo, com o outro e com a natureza, fazendo-o sentir-se parte do Todo.

Agora vamos seguir compreendendo a caminhada de uma pesquisa-ação complexa e transdisciplinar.

Método e metodologia

A metodologia é a arte de dirigir o espírito na busca da verdade, assim como diz sua raiz etimológica “metodo”+”logia”. Método é o caminho para se chegar a um fim. Logia é o estudo que se leva subjacente ao desenvolvimento do método, na intenção de torná-lo consistente. Portanto, metodologia é o estudo do caminho. Nesse caminho, o método fez-se ao caminhar, mas a metodologia teve os pés calçados e passos iluminados pelo Pensamento Complexo e Transdisciplinar. Por que assim se fez?

Quando se põe diante da questão: qual caminho tomar diante da complexidade (MORIN, 1997; 2003) de lidar com a diversidade que a pesquisa em ação levará? Lembremos que todo problema já traz em si sua solução. Se aplicarmos os operadores⁵ cognitivos do

³Como complexidade, compreendemos a trama interrelacional entre sujeito (organismo, neuro-psico-afetividade, intuição e espiritualidade) e meio, ou seja, a tessitura em conjunto de indivíduo-sociedade e natureza

⁴Aquilo que vai além das gaiolas que aprisionam o aprender do ser. A Transdisciplinaridade transgride, transforma, vai além da forma, transcende, trazendo a essência da cognoscência. Reascende a consciência da ciência. Faz voar pássaros, pensamentos, sentimentos, semeando, germinando conhecimentos, Alves, (2013). Está para além das disciplinas e também entre elas, trazendo-lhes o sentido. Permeia as disciplinas, sendo fio condutor da tessitura entre saberes, seres, vida, espiritualidade, cosmos e sagrado: “A Transdisciplinaridade se faz pela articulação das disciplinas, das partes, respeitando as diversidades e a unidade, ao mesmo tempo caminhando para além delas” (NICOLESCU, 1999a; 1999b).

⁵Os operadores cognitivos do pensamento complexo são instrumentos que possibilitam o autoconhecimento, capacitando-nos a pensar, a refletir, a considerar os múltiplos aspectos de uma mesma realidade. Deste modo,

pensamento complexo (MORIN, 1997; 2003) sobre nossa questão, perceberemos que, recursivamente, isto se explica, se implica. Tudo retorna ao que se produziu, mas em outro nível. Assim, encontramos na própria questão, a luz para o caminho e as ferramentas que devemos usar ao caminhar. Essas são as ferramentas (ideias, conceitos, modos de agir) do pensamento complexo e transdisciplinar.

Entretanto, como a história de um caminho somente pode ser contada ao final da caminhada, a direção que se tomou foi provisória em seus passos iniciais. Encontrou-se as sinergias e conflitos para o qual os diálogos fizeram-se presentes, como proposta de abertura ao novo e, que se manteve firme ao rigor de uma pesquisa tecida junto e por muitas mãos, corações e ações. Assim, seguir pelos princípios da metodologia transdisciplinar recordou-nos que cada passo e ato são tramas da teia e devem ser pensados, sentidos e reelaborados para que um olho possa chegar onde o outro já está.

A proposta de uma pesquisa fundamentada na perspectiva complexa e transdisciplinar⁶ permitiu-me ir além da dimensão racional, pois o espírito transdisciplinar impulsiona para voos mobilizados pela intuição e pelas crenças de cada um. É como darmos as mãos ao mundo do sagrado. Mas, mesmo sendo uma proposta que nos dê abertura, não perde o seu rigor, contendo em si a ligação, as diferenças, as incertezas e as emergências. Freire ilustra essa nossa trajetória e nos corrobora com suas palavras:

Não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu “caminho” que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao “caminho” que estão fazendo e que assim os refaz também (FREIRE, 1992, p. 97).

A complexidade e a transdisciplinaridade mostraram-me caminhos para o desenrolar de nosso problema. Mostraram-nos que esse olhar cabe não somente na tessitura das disciplinas, mas também para um novo olhar que abraça todas as dimensões da subjetividade humana: a razão, a emoção, a pulsão; incluindo o lúdico, o irracional e a poesia, enquanto expressões das

permitem a busca e o estabelecimento das ligações entre objetos, fatos, dados ou situações que parecem não ter conexões entre si. Possibilitando o entendimento de como as coisas podem influenciar umas às outras e que propriedades ou ideias novas podem emergir dessas interações. Trata-se, pois, de instrumentos de articulação, que nos ajudam a sair da linearidade habitual e enriquecem nossa capacidade de encontrar soluções, desenhar cenários e tomar decisões. Devolvem-nos uma visão que havíamos perdido ao longo de pelo menos três séculos de pensamento fragmentado. São eles: 1) circularidade; 2) autoprodução; 3) dialógica; 4) hologramático; 5) integração sujeito-objeto 6) ecologia da ação (MORIN, 1997)

emoções, sentimentos e intuições humanas. Portanto, a metodologia aqui utilizada foi luz, farol que, de fato, cumpriu o seu papel e iluminou o caminhar em multidensões da objetividade, da subjetividade e da intersubjetividade humana.

Complexidade e diversidade. Complexo, como diz o seu significado, é o que é tecido em conjunto. Assim, como em um holograma, o ser vive e é parte do/no mundo e o mundo vive é parte de/em do ser tornando-me cada um, holograma do cosmos. Reconhecemo-nos como uni, pluri, multidimensionais. Aliás, somos todos multidimensionais e hologramas do todo.

Construindo nossas bússolas

Sabemos que as escolhas dos caminhos metodológicos de uma pesquisa devem levar em conta seu caráter ontológico, epistemológico e metodológico, assim, o olhar se iluminou quando pensou-se que a Complexidade e a Transdisciplinaridade pudessem atuar como os faróis ao longo desse percurso. Não só porque as Estratégias de Aprendizagem Integradora foram gessadas dentro do aporte teórico desses pensamentos, mas também porque o próprio caminho que se apontava, e foi apontado, mostrou essa possibilidade metodológica como a mais coerente, com o rigor e abertura necessários para o tipo de pesquisa que aqui se apresenta. Seus aportes teóricos compreendem o indivíduo (um sujeito que não pode ser dividido) em suas múltiplas dimensões com a possibilidade de um percurso de pensamento não linear. Além disso, concebem como indivíduos mutáveis, incertos, inscritos em uma corporeidade única e interconectados ao todo. Sujeitos indivisos, dialógicos, interativos; em sua relação consigo, com o outro e com a natureza como confirma-nos Moraes e Valente (2008).

Ontologicamente justifico minha escolha pela Complexidade e Transdisciplinaridade pelo fato de nossa pesquisa implicar uma realidade dinâmica, difusa, relacional, indeterminada e não-linear, contínua e descontínua; imprevisível, no qual temos realidades nas quais prevalecem dinâmicas do vir-a-ser sobre os modos de ser dos indivíduos (MORAES; VALENTE, 2008).

As múltiplas realidades dos cursos foram construídas por intermédio da relação sujeito/sujeito levando-se em conta as suas multidimensionalidades. Nelas, percebemos sempre uma dinâmica de diferentes níveis de realidade visto que trabalhamos com aspectos cognitivos, físicos, corporais, culturais e também intuitivos, espirituais, bem como com as dimensões do real. Esses diferentes níveis de realidade emergiram a partir da integração com

o todo e integrando o todo, recursivamente. De tal modo, a complexidade constitutiva da realidade, do sentir-pensar-agir, buscou alcançar a unidade global, complexa, integrada, interativa, participativa de todos os membros. Moraes e Valente (2008) inspirados em Capra (1999) e Maturana (1999) realçam essa dimensão ontológica do ser e de sua realidade, mostrando a sua complexidade como parte de uma dinâmica não-linear, cujo desenvolvimento e interconexões se dão em rede Moraes e Valente reforçam, ainda, que se trata de, “[...] uma realidade que possui a complexidade e a indeterminação entranhada no tecido do universo e, a partir da qual, novas propriedades ou novas emergências surgem em decorrência do seu funcionamento reticular.” (MORAES; VALENTE, 2008, p. 20).

Dizemos que o caráter epistemológico da pesquisa de Alves (2013) fez-se pelo seu desenvolvimento construtivista, intersubjetivo. Nossa relação foi sujeito-sujeito e não sujeito-objeto. Até mesmo a natureza foi considerada como um organismo vivo que estabelece relações dialógicas e ecossistêmicas das quais fazemos parte. Essas relações fizeram-se por dinâmicas não-lineares, interativas, recursivas e abertas. Nomeamos as dinâmicas como não-lineares porque a transdisciplinaridade é regida por diferentes níveis de realidade regidos por lógicas diferentes, nos quais cabem tanto a racionalidade quanto a intuição e a espiritualidade. Sendo assim, as atividades propostas no curso buscam abranger ao sujeito como um todo. Nisso, busca-se a congruência da biopsicosociogênese (o ser humano como indivíduo-corpo, mente, espírito, inserido na sociedade e na natureza) dos seres humanos presentes, outorgando-lhes, reconhecendo-lhes, validando sua corporeidade, identidade e autoria de sentipensar⁷-agir.

Desse modo, percebemo-nos todos como sujeitos indivisos e interdependentes, unos e únicos, entrelaçados na trama da vida. Procurou-se ter a consciência desperta para compreender que apenas existe uma determinada realidade pela percepção do sujeito que a observa, que cada olhar é único e todo ponto de vista depende para onde nossa vista aponta. Assim, a relação sujeito-sujeito constitui-se como indissociável, interdependente e ecologizada. Nós podemos e pudemos co-criar significados a partir de nossas coordenações de coordenações consensuadas, mas cada percepção é e foi sempre única. A partir de nossas ações coordenadas, pode-se desenvolver nossas interrelações e auto-eco-hetero organizações diante das emergências.

⁷*Sentipensar* é um neologismo criado por Moraes e Saturnino (2004) em que o pensar, o sentir e o agir estão imbricados.

Nosso método de pesquisa-ação, uma pesquisa que se fez na e a partir da prática, construiu-se qualitativamente como uma estratégia de ação aberta, adaptativa, evoluindo de acordo com as descobertas dos sujeitos em cada passo dado, diante das bifurcações, recursões, retroações e novas possibilidades de co-construções e reconstruções sempre seguindo o caminho do tear junto (eu, enquanto pesquisadora e imbricada no processo de pesquisa, junto com os discentes). Sigo com o olhar e o pensamento aberto e flexível, proativo e prudente para que não me apegue às certezas e cegueiras, dando passos entre fronteiras do saber, para além das fronteiras dos saberes e com os muitos diversos saberes, ritos, mitos e culturas. Estivemos (eu e os participantes) atentos às nossas verdades provisórias, pois foram válidas apenas diante de nossas ações cooperadas, coordenadas e consensuadas, em um tempo e contexto mutável.

A realidade manifestou-se pelo modo ao qual fomos capazes de percebê-la, interpretá-la e isto se fez também de modo muito subjetivo. E o modo como interpretamos, criamos, construímos, desconstruímos essa realidade e o conhecimento, dependeram de nossa subjetividade e de nossas relações intersubjetivas. Portanto, mesmo diante do método de pesquisa-ação, encontramos na transdisciplinaridade, no pensamento ecossistêmico e na complexidade, os fundamentos metodológicos para nossa construção, uma vez que, no trajeto percorrido, razão e emoção constituíram-se em uma única trama tecida por relações subjetivas e intersubjetivas.

Explicamos a recursividade, a dialogicidade, os diferentes níveis de realidade, entre outros princípios pertinentes a complexidade e a transdisciplinaridade e nossa ação metodológica, porque os sujeitos e pesquisa constroem-se na ação e interação corporificadas. Nessa trama, estiveram presentes também a cultura em sua dimensão histórica, o organismo de cada ser que é único, unido a racionalidade, a objetividade, a subjetividade, a intuição, e o espaço sagrado dos sujeitos como um Todo e inseridos no Todo. Trabalhamos para que tudo fosse respeitado e que cada sujeito se sentisse inteiro.

Assim sendo, nessa tessitura comum, tivemos a possibilidade de perceber manifesta (mesmo que parcialmente, visto nossa limitação perceptiva que jamais conseguiria captar a realidade como um todo) a subjetividade e a intersubjetividade dos sujeitos como um modo ativo, construtivo, afetivo e histórico dos sujeitos ensinantes-aprendentes (incluindo a pesquisadora como sujeito ensinante-aprendente). Foi possível perceber também a dinâmica relacional que acontece entre todos e o meio no qual estivemos inseridos.

Portanto, todo esse contexto cabe bem à complexidade, enquanto fenômeno compreendido como aquilo que é tecido em conjunto. Não existe uma realidade objetiva independente da experiência subjetiva, estranha às conjunturas que submergem o sujeito. Confirmam o que aqui foi dito, Moraes e Valente (2008), mostrando-nos a importância dos processos de auto-organização, nutrientes dos processos co-determinados, que emergem na ação, bem como, das histórias de vida e suas influências na configuração dos cenários da pesquisa.

Melhor dizendo, tomar como perspectiva a metodologia pautada na perspectiva epistemológica da complexidade e metodológica da transdisciplinaridade é ter consciência de que o pesquisador está sempre envolvido com sua própria história subjetiva e o contexto com o qual interage naturalmente, a recursividade se faz presente. Ou seja, objetividade e subjetividade são complementares. Assim, percebeu-se que constrói-se a realidade e, concomitantemente, participamos dela e ela nos constrói.

Para Morin (apud MORAES; VALENTE, 2008, p. 27), a objetividade é sempre impura, produto de um processo recursivo auto-eco-produtor, o que faz com que tenhamos que reconhecer a presença de um processo de auto-referência em relação ao sujeito pesquisador. Mesmo sendo fruto de uma atividade científica, não é possível isolar a objetividade de nossas crenças, emoções, desejos e afetos. Dizemos isso porque não nos é possível a exclusão do espírito humano, do sujeito individual, cultural e social dos processos de construção do conhecimento. Sempre influenciaremos em nossa pesquisa. Sujeitos da pesquisa e pesquisador estão co-imbricados. Nesse enredo, podemos dizer que o conhecimento originado de uma pesquisa faz-se inscrito em um tempo-espaço, contexto e traz em si a dependência da estrutura cognitiva/emocional e sensorio-motora do construtor/pesquisador em sua relação com os sujeitos/contextos pesquisados.

Nesse contexto, cada gesto, pensamento, ação e emoção dizem muito de quem somos, onde estivemos e para onde vamos. Somos parte de tudo que vemos, tocamos e pisamos. E, tudo que vemos, sentimos, pensamos, pisamos e tocamos fazem parte de nós. Em outras palavras, a realidade e a percepção/explicação do real trazem em si as marcas de minha subjetividade. Nisso podemos dizer que existem tantas realidades e percepções quantos olhares forem do pesquisador ao tentar traduzir suas impressões da pesquisa. Portanto, dentro do olhar complexo e transdisciplinar, toda e qualquer teoria sempre é fruto de nossa subjetividade e intersubjetividade, do texto e do contexto, fazendo-se como uma construção

ecossistêmica na qual influenciemos e somos influenciados pelo nosso texto e contexto de pesquisa. Existe uma relação retroativa e recursiva entre eu, o outro e o todo.

Lembrando que, tanto no mundo macrofísico como no microfísico nenhuma realidade constitui-se ilha em si, todo real é uma construção subjetiva do pesquisador, bem como, de todos os sujeitos participantes da pesquisa. Dizemos, com base nos princípios da física quântica (HEISENBERG, 1959) que a ação do observador interfere no que está sendo observado. E, apropriando-me, mesmo que parcialmente das implicações dos conhecimentos teóricos da física quântica, da biologia e de outras ciências, mais especificamente dos conceitos do Princípio da Incerteza de Heisenberg, percebemos que nosso olhar e presença, interferem nos fatos que estão sendo observados por nós. Tudo o que observamos, nós observa, porque observamos o fato e, ao observar, em cada observação e percepção a realidade é singular e única. Todo ponto de vista depende para onde a vista aponta e da vista que aponta. Então, ficou claro que cabia-nos nessa pesquisa uma pesquisa-ação com tessitura complexa e transdisciplinar.

O norte da pesquisa-ação

Para nomear um trabalho de pesquisa como ‘pesquisa-ação’, observamos se ele responde a duas questões colocadas por Tripp (2005, p. 452) para definir esse tipo de pesquisa: “o processo de mudança está sendo conduzido por meio da análise e interpretação de dados adequados, válidos e confiáveis? O alvo principal da atividade é a criação de conhecimento teórico ou o aprimoramento da prática?”.

Desse modo, chamaremos o método aqui adotado, de pesquisa-ação prática. Novamente recorreremos a Tripp (2005), para endossar nossas palavras:

pesquisa-ação prática é diferente da técnica pelo fato de que o pesquisador escolhe ou projeta as mudanças feitas. [...] o modo como alcança o resultado desejado fica mais por sua conta de sua experiência e de suas ideias –; e segundo, porque o tipo de decisões que ele toma sobre o quê, como e quando fazer são informadas pelas concepções profissionais que tem sobre o que será melhor para seu grupo. (TRIPP, 2005, p. 457).

Segundo Chizzotti, pesquisas ativas como essa comumente objetivam contribuir na promoção de algumas mudanças desejadas. Para tal, pressupõem “uma tomada de consciência, tanto dos investigados como investigadores dos problemas próprios e dos fatos

que os determinam para estabelecer os objetivos e as condições da pesquisa, formulando os meios de superá-los” (2006, p. 77).

Como passo inicial, iluminados pelo pensamento de Brandão (1999), Barbier (2002), bem como de Moraes e Valente (2008) e Moraes e Torre (2004), buscamos responder aos desafios da complexidade, incorporando as estratégias por mim aprendidas e recriadas, às novas estratégias criadas com os sujeitos participantes. Fez-se uma proposta ativa que buscou viabilizar cenários, caminhos para o abraço com a diversidade (inclusivos) no campo da educação, bem como, para as áreas correlacionadas, enfim, para a sociedade e para a vida. De maneira especial, buscou-se a participação e a mobilização dos grupos humanos e classes sociais antes postas à margem da sociedade.

Para Barbier (2002), esse estilo de pesquisa-ação ativa (prática) constrói-se como um processo rizomático, simbólico e dinâmico. Apresentando implícito em si os aspectos reais e imaginários trazidos pelo pesquisador em sua interação com a realidade, por sua abertura às mudanças e sua inscrição no tempo. Completamos nosso pensamento com as palavras do próprio autor:

constitui-se em um processo de co-autoria no qual temos a possibilidade de tornamo-nos autor de nós mesmos apropriando-nos de uma existência pela capacidade de ter confiança em si, de amar-se e de amar, para a convergência de sua personalidade total (sexual, afetiva, social e espiritual): o ser capaz de desafiar o real, a violência simbólica e física, os determinismos sociais e familiares em um processo independente e ao mesmo tempo ligado; autônomo e lúcido, na maestria, na abertura e na inteligência de si mesmo e das situações. É improvisar sua vida a cada momento com a permanência dos seus valores fundamentais. (ROBIN apud. BARBIER, 2002. p. 115).

Sentimos exatamente isto: a pesquisa-ação como um processo dialógico e de co-autoria, no qual o caminho se faz ao caminhar e juntos tecemos a teia de maneira complexa e transdisciplinar. Também nos diz Brandão, que pesquisas ativas não criam, mas respondem aos desafios e incorporam-se em programas que colocam em prática novas alternativas de métodos ativos em educação, e de maneira especial, de formação, participação e mobilização de grupos humanos e classes sociais antes postas à margem de projetos de desenvolvimento socioeconômico (2006).

Esse autor completa a ideia, dizendo que essa pesquisa busca estimular a criação de conhecimentos coletivos, a partir de um trabalho de “recriação, de dentro para fora, formas

concretas dessa gente, dos grupos e classes que compartilharemos do direito e do poder de pensarem, produzirem e dirigirem os usos de seus saberes a respeito de si próprios” (BRANDÃO, 1986, p. 9-10).

Assim, pensamos juntos e produzimos nossos próprios saberes, agires. Saberes que e fizeram pela ação compartilhada, interrelacional, ecoformadora, transformadora.

Perguntas de pessoas reais, muito mais do que categorias abstratas de “objetos”, que parecem descobrir, com a sua própria prática, que devem conquistar o poder de serem, afinal, o sujeito, tanto do ato de conhecer de que tem sido objeto, quanto do trabalho de transformar o conhecimento e o mundo que os transformaram em objeto (BRANDÃO, 1986, p. 11).

Tripp (2005) novamente apoia-nos em nossa escolha, esclarecendo que esse estilo de pesquisa reorienta a prática e aprofunda a compreensão que temos de nós mesmos de um modo tão metodologicamente sólido quanto possível (em vez de meramente pragmaticamente eficaz).

Esse autor coloca como outra característica desse tipo de pesquisa, o fato de que ela apresenta um relacionamento recíproco entre pesquisa e aprimoramento da prática. Ela não apenas traz uma melhor compreensão da prática de modo a melhorá-la, mas também ganhamos uma melhor compreensão da prática rotineira por meio de sua melhora, de maneira tal que se melhora todo o contexto. Portanto, essa pesquisa busca legitimar a singularidade de cada sujeito, contribuindo também para a que os seres humanos se tornem não apenas mais instruídos e mais sábios, mas igualmente mais justos, livres, críticos, criativos, participativos, corresponsáveis, solidários e integrados.

Gonzalez Rey tranquiliza-me igualmente na inquietude metodológica e no desejo de construção de novos horizontes, dizendo que:

O conhecimento é um processo de construção que encontra sua legitimidade na capacidade de produzir, permanentemente, novas construções no processo investigativo. Portanto, não existe nada que possa garantir, de forma imediata no processo de pesquisa, se nossas construções atuais são as mais adequadas para dar conta do problema que estamos estudando. A única tranquilidade que o pesquisador pode ter nesse sentido se refere ao fato de suas construções lhe permitirem novas construções e novas articulações entre elas capazes de aumentar a sensibilidade do modelo teórico em desenvolvimento para avançar na criação de novos momentos de inteligibilidade sobre o estudado, ou seja, para avançar na criação de novas zonas de sentido (GONZALEZ REY, 2005, p. 7).

Processos co-imbricados que foram tecidos a muitas mãos. Sensível ao momento presente de cada um. Sensível às emergências. Nossas certezas eram de mutabilidade, de nós e do meio. Pesquisando, refletindo, agindo, transformando, transformávamo-nos.

Considerações

Assim, seguiu-se o caminho com uma proposta qualitativa de pesquisa-ação, em uma práxis corporificada e guiada pelos pensamentos complexo e transdisciplinar. O caminho fez-se como um processo que apresentou uma polarização autônoma, repleta de incertezas, no qual trabalhamos os fatos materializados conforme sua estruturação, desestruturação, reestruturação dos elementos surgidos no percurso dessa materialização, ou seja, de acordo com as sinergias e emergências que ocorreram.

A caminhada foi feita abrindo-nos à sensibilidade do escutar além do dito e mirar além do que se mostra para avançar um passo adiante em novas possibilidades de criação e percepção de novos sentidos, de novos sentipensares e agires que, no percurso se apresentaram.

Por intermédio da auto-eco-hetero avaliação (o ser olhado por si mesmo, o ser visto pelo outro, o ser por sua ação ecológica). Seguindo buscamos encontrar nos dados qualitativos (categorias), aspectos que demonstrassem a possibilidade da integração dos saberes e dos seres. A partir das reflexões sobre as ações versadas, do o trajeto percorrido e dos os fundamentos e bases teóricas da complexidade, da transdisciplinaridade e do pensamento ecossistêmico, alcançamos uma compreensão mais adequada a respeito do mundo e da vida como tessitura única. Também, construímos princípios que colaboraram para um melhor entendimento da dinâmica dos processos relacionados à aprendizagem do saber ser, viver e conviver (DELORS, 2000) dentro de um contexto de tessitura comum da diversidade, bem como, dos Sete Saberes da Educação do Futuro propostos por Morin (1996). Logo, buscou-se possibilidades mais favoráveis à construção de processos inclusivos, do viver/ conviver e aprender na e com a diversidade, possibilidades estas que foram publicadas no trabalho de Alves (2016), frutos de uma pesquisa-ação tecida junto com o outro que se põe a nossa frente e legitima nossa existência, outorgando-nos, empoderam-nos de nós mesmos em nossa singularidade de existir na diversidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. D. F. **Práticas de aprendizagem integradoras e inclusivas: autoconhecimento e motivação.** Rio de Janeiro: WAK, 2016.

ALVES, M. D. F. **Construindo cenários e estratégias de aprendizagem integradoras (inclusivas).** 2013. 276 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação.** Trad. Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

BRANDÃO, C. R. **Repensando a Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRANDÃO, C.R. **Pesquisa participante.** São Paulo. Brasiliense, 1986.

CAPRA, F. **A Teia da vida: Uma compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Editora Primeira Edição, 1999.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais.** Petrópolis - RJ: Vozes, 2006.

DELORS, J. **Educação, um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez, 2000.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos desconstrução da informação.** São Paulo: Thomson, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança.** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

HEISENBERG, W. **Física y filosofía.** Buenos Aires: Editorial La Isla, S. R. L, 1959.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Org. e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MORAES, M. C. B. **Ecologia dos saberes: Transdisciplinaridade, complexidade e educação.** São Paulo: ProLíbera Editora: Antakarana/WHH -Willis Harman House, 2008.

MORAES, M. C. B. **Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI.** São Paulo: Vozes, 2004.

MORAES, M. C. B. **O paradigma educacional emergente.** São Paulo: Papyrus, 1997.

MORAES, M. C. B.;TORRE, S. de la. **Sentipensar: Fundamentos e Estratégias para Reencantar a Educação.** Vozes, 2004.

MORIN, E. **Da necessidade de um pensamento complexo.** In MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado. Para navegar no século XXI – Tecnologias do Imaginário e Cibercultura. 3ª. Ed. Porto Alegre: Sulinas, 2003.

MORIN, E.. **Os sete saberes necessários para a educação do futuro**. São Paulo: Cortez , 1996.

MORIN, E.. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget,1997.

NICOLESCU, B. **Um novo tipo de conhecimento** - transdisciplinaridade. In Educação e transdisciplinaridade. Brasília: Ed. UNESCO, 1999a.

NICOLESCU, B. . **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999a.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. In Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em fev. 2012.